

Incêndio da Assembléia destrói preciosos e antigos arquivos

O prédio da Assembléia Legislativa do Estado, no Centro Administrativo da Bahia, foi praticamente destruído por um incêndio que teve início na noite de ontem, pouco depois do encerramento da reunião da Comissão de Justiça. As partes mais atingidas foram o terraço, onde funcionava o refeitório e o terceiro andar, onde estava instalada a biblioteca e o arquivo correspondente ao período de 1930 a 1947. O fogo atingiu também o plenário e destruiu o painel do artista Carlos Bastos, que foi o fato mais lamentado pelo presidente da casa, deputado Renan Baleeiro, que acompanhou todo o trabalho de combate ao fogo.

Inaugurado em 1974, o novo prédio da Assembléia já teve por duas vezes durante esse ano, princípios de incêndio. O primeiro caso foi em junho quando houve um curto-circuito na casa de força, localizada no subsolo, sendo o fogo logo contido pela segurança do prédio. Foi feito um reparo mas no dia 15 de novembro, quando se realizavam as eleições, houve um novo caso, desta vez no terceiro andar, também dominado. Ontem, alguns funcionários da casa já diziam até que estavam esperando isso e que tudo fora consequência de serviços anteriormente mal feitos.

No local estiveram vários deputados, secretários de estado e o governador Roberto Santos, que la-



mentou o fato e durante o tempo em que esteve presente se mostrou interessado pelos trabalhos dos bombeiros em debelar o incêndio, que ameaçava atingir o primeiro e segundo andar "somente depois é que se fará um balanço das perdas. Sobre

o funcionamento da Assembléia, nós vamos considerar a hipótese de aproveitar provisoriamente o auditório do ICEIA ou mesmo um dos prédios em conclusão aqui mesmo no CAB", disse o governador.

O presidente da Assembléia,

Renan Baleeiro, esteve acompanhando todo o trabalho dos bombeiros e demonstrava uma preocupação em conseguir local para a reunião plenária de hoje, que terá que ser feita com recursos próprios, segundo afirmou, sem contar com documentos que possam ter sido salvos, uma vez que a perícia deverá levar alguns dias para liberar o local.

Renan Baleeiro falou ainda que todo o arquivo vivo, correspondente aos anais de 1947 até a presente data estão salvos, apenas um pouco estragado pela água, pois se encontravam no subsolo. "Somente os documentos correspondentes ao período de 30 a 47 foram destruídos mas poderão ser reconstituídos através das publicações em Diário Oficial". Ele esclareceu também que todos os documentos de contabilidade que estavam num cofre no segundo andar estão salvos.

O seguro de 2.800 mil foi renovado há cerca de 90 dias, segundo esclareceu Renan Baleeiro, que afirmou ter sido esta uma preocupação principal logo depois que surgiram indícios de incêndio anteriores. A biblioteca, que foi totalmente queimada, tinha cerca de 10 mil volumes. Mas foi quando constatou que o teto do plenário havia cedido que ele demonstrou tristeza: "Foi-se o plenário com o painel, uma obra inimitável e irrepetível". Disse o deputado.

Miguel avisou ao Batalhão

O fogo começou pouco depois das 19:30 horas no último andar e quem primeiro viu foi o vigia Miguel, que desesperado saiu correndo até a sede do Quinto Batalhão da Polícia Militar, localizado nas proximidades, onde comunicou aos policiais de serviço. O corpo de Bombeiros foi avisado e momentos depois chegava ao local do incêndio, onde já estavam pelo menos 80 homens da Companhia de Choque, do Quinto BP.

Logo que chegaram ao prédio os militares retiraram alguns móveis do pavimento térreo, onde ficava a garagem, para em seguida removerem cinco veículos que estavam estacionados, dois dos quais oficiais. Para retirar os carros foi necessário quebrar os pára-brisas, como contou um soldado participante da operação. Pouco depois das 20 horas chegou o Corpo de Bombeiros com cerca de cinco guarnições, composta de 50 homens, comandados pelo sargento Gilberto Conceição.

Os bombeiros combateram inicialmente o fogo pela parte dos fundos do prédio, onde ele se concentrava mais, porém se preocupando em bombear água nos outros pavimentos a fim de evitar o alastramento das chamas, que até então ainda não tinham alcançado o plenário. O difícil acesso aos veículos, foi uma das principais

encontradas pelos bombeiros e soldados do Quinto Batalhão.

FALTA D'ÁGUA

Como sempre acontece nos grandes incêndios, a falta de água também prejudicou o combate ao fogo que com o passar do tempo foi se propagando e por volta das 21 horas já tinha atingido quase que totalmente o plenário, destruindo completamente suas dependências.

As chamas atingiram os outros pavimentos logo em seguida ao desabamento da estrutura metálica — que ficava acima do pavimento superior — por volta das 21 horas, quando o incêndio já ganhava grande proporções foi que o Corpo de Bombeiros pôde colocar em funcionamento a escada "Magirus" e, partir daí, bombear água pelos fundos do prédio, no último pavimento onde as chamas se concentravam.

Os poucos hidrantes instalados próximos ao prédio da Assembléia não puderam ser utilizados uma vez que faltava pressão para bombear a água até a altura do terceiro andar pela entrada do prédio. Mesmo assim um deles foi acionado, por volta das 21:45 horas, e por cerca de cinco minutos arremessou fortes jatos de água contra as chamas

do último pavimento onde ficava a biblioteca.

Mas a bomba diminuiu a pressão e água não pode ser arremessada com a mesma força. Novamente o fogo começou a ganhar proporções até que os bombeiros investindo pela entrada e pelos fundos conseguiram dominar o incêndio, já por volta das 22 horas, entre os oito carros-tanque e bombas utilizadas pelos bombeiros um era novo, chegado na segunda-feira do Rio de Janeiro.

Este veículo praticamente não foi utilizado, pois os bombeiros ainda não estavam familiarizados com os métodos de manejá-lo como explicou um deles. O carro ficou colocado em frente ao prédio e se tentou colocá-lo em funcionamento, não o conseguindo. O sargento Gilberto Conceição orientava o pessoal a todo instante visando evitar a propagação das chamas para os andares inferiores, até então não atingidos pelo fogo.

Indagado sobre a recuperação de alguns objetos e documentos do interior do prédio, ele disse que não podia falar no momento, mas era certo que por dentro o fogo tinha destruído tudo. Já sobre a origem, o sargento também não pôde dar uma explicação. Não podemos dizer nada, só a perícia pode dizer".

Os curiosos de sempre

Nos primeiros minutos de duração do incêndio, apenas policiais e alguns funcionários estavam no local, mas com o passar do tempo — o fogo podia ser visto por quem passava pela avenida Paralela — muitas pessoas foram chegando e se concentrando em frente ao prédio da Assembléia, misturando-se com as autoridades que acompanhavam de perto o desenrolar do fogo.

Muitas especulações foram feitas quanto ao início do fogo. A maioria das pessoas atribui a causa, como sempre a um curto-circuito ou coisa semelhante. Já outras pessoas, lamentavam a destruição do painel feito por Carlos Bastos, que ficava na sala do plenário. Além disso, a expectativa do povo e das autoridades era para as chamas não alcançarem os andares inferiores.

A maioria dos populares — muitos deixaram seus carros — se concentrou principalmente em frente a fachada principal, onde podia se ver claramente o trabalho dos bombeiros, dois deles lutando para atirar água no interior do prédio. Entre os populares, po-

diam ser vistos vários políticos a procura de informações.

POLÍCIA PRESENTE

Erão aproximadamente 20 horas quando chegou ao local do incêndio o delegado Ivanilton Souza, plantonista da Nona Delegacia, da Boca do Rio, apesar da área ser a jurisdição da Décima Delegacia. Mesmo assim, o delegado Ivanilton se encarregou de tomar as providências iniciais, ouvindo algumas pessoas que viram o início do fogo.

Depois disso, a autoridade comunicou-se com a Central de Operações da Secretaria de Segurança, retornando para o Nona CP. Por volta das 21:30 horas, o delegado Ivanilton foi orientado pela Central, para se deslocar novamente para o local do incêndio e tomar todas as providências de praxe, instaurando o inquérito policial. Há dúvidas ainda se a área onde fica o prédio pertence a jurisdição da Nona ou Décima CP. Independentemente disso, o delegado tomou as providências,

Iceia, uma alternativa.

O cabo da guarda da Assembléia, Aniceto Alves Peixoto, que se encontrava trabalhando ontem, quando teve início o incêndio, mostrava-se triste, pois esta era sua casa há muitos anos, segundo disse. Foi pouco antes das 20 horas quando ele ouviu um dos soldados informar que havia um incêndio no terraço.

"Eu subi de elevador e quando cheguei o fogo já estava alto. Ainda peguei o extintor e tentei apagar, mas o fogo já tinha pegado, ajudado pela cobertura que era de fibra". Aniceto disse também que só então foi que notou o perigo que estava correndo e desceu imediatamente, tratando de desligar a corrente elétrica e avisar aos bombeiros e autoridades sobre o incêndio.

O incêndio, segundo ele, começou no restaurante e daí se propagou em todas as direções. Enquanto aguardavam a chegada dos bombeiros, eles conseguiram retirar os carros que estavam no subsolo e mais uma grande quantidade de mesas e armários que

foram sendo colocados em local seguro.

O primeiro parlamentar a chegar à Assembléia foi o deputado Manoelito Teixeira, que estava no escritório do futuro governador Antonio Carlos Magalhães. Ele disse que havia saído da casa pouco antes das 19 horas, mas estava tudo normal. Ele considerou uma grande perda os documentos que foram destruídos.

Além disso, muitos outros parlamentares também mostravam-se preocupados com a continuidade dos trabalhos, sem contar com os documentos que se encontram em seus gabinetes situados no segundo e terceiro andar do prédio. A partir de hoje, Renan Baleeiro fará uma visita aos diversos locais que poderão servir provisoriamente para as reuniões, mas ele acredita que o ICEIA seja o mais indicado, uma vez que ele compartou a convenção da Arena que elegeu o governador e o senador biônico.